

RUA MARECHAL DEODORO

Resolução da Câmara de 26-08-1895

Formada pela rua antes denominada do Picador e depois, do Imperador

Início na rua Dr. Ricardo

Término na rua Luzitana

Centro

Obs.: Esta rua chamava-se rua do Picador, denominação esta, ligada à Salvador Cerqueira, exímio adestrador de animais. Por proposta do vereador Comendador Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro esse nome foi mudado por decisão da Câmara em 04-10-1848 para rua do Imperador, em homenagem a d. Pedro II que em 1846, visitou esta cidade pela primeira vez. Por proposição assinada por José Paulino Nogueira, dr. Antonio Alvares Lobo, Antonio Carlos do Amaral Lapa, João Batista de Barros Aranha e Ricardo Coelho a Câmara resolveu em 26-08-1895, trocar o nome para rua Marechal Deodoro.

MARECHAL DEODORO

Manuel Deodoro da Fonseca nasceu na Vila de Anadia, em Alagoas, em 05-agosto-1827 e faleceu no Rio de Janeiro a 23-agosto-1892. De família de militares Deodoro cursou a Escola Militar do Rio de Janeiro a partir de 1843 e em 1848 alcançou o posto de tenente, É longa a relação das participações de Deodoro em batalhas e conflagrações: Revolução Praieira, em Pernambuco, campanhas do Uruguai com a invasão do Rio Grande do Sul pelos "blancos", Guerra do Paraguai, desde seu início até o fim. Deixou o Paraguai em 14-julho-1870, como coronel, sendo em 1874 promovido a Brigadeiro e em 1884 a marechal-de-campo. Era governador do Rio Grande do Sul quando se deu a agitação em favor dos direitos políticos dos oficiais, que apoiou, sendo então exonerado. Com grande prestígio no exército, o governo resolveu afastá-lo do Rio, nomeando-o para comandante das Armas de Mato Grosso. A esta altura o movimento republicano ganhava corpo e assediado por Benjamin Constant, Quintino Bocaiuva e outros, acabou aderindo ao movimento em 10-novembro-1889. Proclamada a República assumiu a chefia do governo provisório. Promulgada a Constituição da República, em 24-fevereiro-1891, no dia seguinte foi eleito pelo Congresso Constituinte presidente da República, cujo mandato deveria terminar em 1894. Aborrecido com os parlamentares que se intrometiam nos problemas afetos à Chefe da Nação, Deodoro dissolveu o Congresso a 03-novembro-1891, contando com a solidariedade de todos os governos estaduais, à exceção do paraense. Vinte dias depois eclodiu no Rio a revolta da Armada, chefiada pelo almirante Custódio de Melo. Antevendo uma guerra civil com derramamento de sangue de proporções alarmantes, Deodoro renunciou ao mandato e entregou o governo ao vice-presidente Marechal Floriano Peixoto. Deodoro da Fonseca morreria nove meses depois.

RUA MARECHAL DEODORO



RUA DO PICADOR - RUA DO IMPERADOR

A primeira nomeação liga-se à Salvador Cerqueira, exímio adestrador de animais.

A segunda, homenageia d. Pedro II que em 1846, visitou esta cidade pela primeira vez.

Nome atual: RUA MARECHAL DEODORO

"Extraído de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", às gls. 8 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 14-julho-1974. Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campinas)

anpv/02/83

1895

(Extraído de fls. 184 e 185 do livro "Biografias de Personalidades Célebres" de autoria da Profa. Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, 14a. edição, editado por Livros Irradiantes S.A., 1978, S.P.)

BIOGRAFIAS DE PERSONALIDADES CÉLEBRES

Renunciou à presidência assumindo o poder o vice-presidente Floriano Peixoto.

Morreu no Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1892, sendo sepultado no cemitério de São Francisco Xavier com honras de chefe de Estado.



CAROLINA RENNÓ RIBEIRO DE OLIVEIRA

Batalhão de Artilharia a Pé (1870); Inspetor das companhias de cavalaria das províncias da Bahia e Pernambuco (1875); comandante das armas do Rio Grande do Sul (1883); quartelmeestre general (1884).

Brigadeiro em 1874 e marechal de campo em 1884, era governador do Estado do Rio Grande do Sul, quando se deu a agitação em favor dos direitos políticos dos oficiais. Exonerado do seu cargo, em razão de sua atitude, assinou com o general Pelotas o manifesto de 14 de maio de 1887, que assegurou a sua popularidade no Exército. Estava na fronteira de Mato Grosso, quando se deu a crise ministerial de julho de 1889, seguindo as eleições que deram a maioria aos liberais.

Chamado ao Rio de Janeiro, ligado à propagação republicana e a chamada questão militar, incorporou-se ao movimento na manhã de 15 de novembro de 1889. Comandou as tropas que cercaram o quartel-general, onde se reunia o gabinete do visconde de Ouro Preto. Proclamada a República, tornou-se chefe do governo provisório até 25 de fevereiro de 1891, quando foi eleito pelo Congresso Constituinte primeiro presidente constitucional do Brasil.

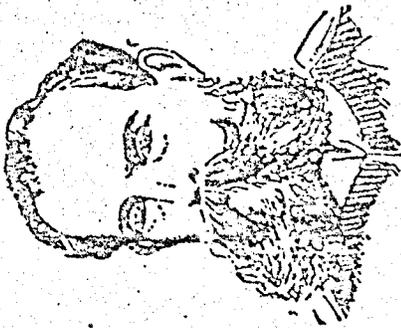
No Governo Provisório verificaram-se os seguintes atos: lavratura do decreto da Proclamação da República; Intimação ao velho imperador para deixar o Brasil em vinte e quatro horas; instituição da Bandeira Republicana (19-11-1889); elaboração da 1.ª Constituição Republicana (24-2-1891); separação da Igreja do Estado; regularização da obrigatoriedade do casamento civil.

Deodoro da Fonseca tendo composto seu ministério com elementos do antigo regime e procurando estabelecer um poder pessoal, provocou crescente oposição por parte do legislativo, o que motivou a dissolução do mesmo através do golpe de estado de 3 de novembro de 1891, para o que contou com a solidariedade de todos os governos estaduais, à exceção do paranaense. O contra golpe sobreveio a 23 do mesmo mês e ano, com a revolta da esquadra comandada por Custódio de Melo.

184

Deodoro da Fonseca

(1827-1892)



Manuel Deodoro da Fonseca, marechal e político brasileiro, primeiro presidente da República, nasceu em Alagoas em 1827.

Filho do tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca, ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1843, completando o curso de artilharia em 1847.

Partindo para Pernambuco, que estava revoltado em 1848, combateu a revolução praieira, distinguindo-se no combate do Recife (1849), onde foi nomeado 2.º tenente e no da Barra de Nabuba. Capitão em 1855 e comandante da Escola Militar em 1858, partiu em serviço para Mato Grosso, de onde regressou em 1862.

Instrutor dos guardas nacionais sediados na fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, em 1863. Participou da brigada expedicionária enviada ao Prata em 1864.

A seguir partiu para a campanha do Paraguai, onde foi verdadeiro herói, atuando nas batalhas de Inapitú, Estero Bellaco, Tuiuti, Poitiro-Ovelha e Toji (1866), Peitibetú e Campina Grande (1869).

Fimda a guerra, Deodoro da Fonseca foi encarregado de comandar o 1.º

(Extraído das páginas 184 e 185 do livro "Biografias de Personalidades Célebres", de autoria da Profa. Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, editado por Livros Irradiantes S/A., 14a. edição, 1978, S.Paulo)



Deodoro da Fonseca, 150 anos de nascimento

O Marechal que começou a República brasileira

Conversador alegre, modos arrebatados, gostando de ouvir e narrar anedotas, simpático e dominador: assim era o Marechal Deodoro da Fonseca, segundo o Conde de Afonso Celso. Descrição insuspeita, no que tem de positivo, pois o Conde situava-se no "outro lado" da fronteira política que a proclamação da República no Brasil, viera não criar, mas tornar oficial.

Magnânimo, foi o adjetivo aplicado por Rui Barbosa, primeiro vice-chefe do regime republicano, àquele que o proclamara e o chefiava. Esses depoimentos, de adversário como de correligionários, concordam em mostrar o Generalíssimo Deodoro da Fonseca como um líder essencialmente popular, no sentido de ser dotado daquelas virtudes mais facilmente entendidas e admiradas pelo povo. Nascido na cidade de Alagoas, (hoje Deodoro) na província do mesmo nome, filho de militar, Deodoro desde cedo dirigiu-se para a carreira do pai. Aos 16 anos, em 1843, matriculou-se no primeiro ano da Escola Militar, e quatro anos depois concluiu o curso de Artilharia.

Aos 21 anos, já participava de combate, agindo na repressão à rebelião pernambucana. Exerceu, nos anos seguintes, cargos administrativos — inclusive o de Comandante dos alunos da Escola Militar. Como capitão do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, participou das campanhas no Estado Oriental do Uruguai (1864-65), e em seguida foi combater no Paraguai.

A guerra do Paraguai, Deodoro a fez, segundo a sua própria expressão, "de fio a pavio". Comandou o 1º Corpo de Voluntários da Pátria, e foi condecorado por sua defesa da cabeça-de-ponte no combate de Itapiru, quando pela primeira vez as forças brasileiras entraram em território paraguaio. Nessa ocasião, salvou a vida do Comandante-Chefe, o general Osório, que desembarcara à frente das forças e se vira envolvido pelos paraguaios. Deodoro, o segundo a cruzar o rio Paraná com seus Voluntários, levantou o cerco e salvou o Comandante.

Também em Estero Bellaco, Deodoro combateu, como em Potrero Ovella e em muitas outras batalhas, grandes e pequenas do conflito paraguaio. As citações e elogios em ordem — do dia acompanharam toda a sua ação nesta guerra, da qual saiu coronel e condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul, e a Medalha da Campanha do Paraguai, às quais seria acrescentada, no ano seguinte a Ordem Militar de São Bento Aviz.

Promovido a Marechal — de Campo em 1880, Deodoro foi Comandante das

Armas das Províncias da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Exerceu a Vice-Presidência da Província do Rio Grande do Sul em 1884 e 85. Em seguida foi feito pelo Imperador, Comandante-Chefe das Forças de Terra e Navais em Mato Grosso, onde, na ocasião, se concentravam importantes forças por causa da tensão com as Repúblicas vizinhas. Dispensado do Comando-Chefe, não aceitou o cargo de Comandante das Armas de Mato Grosso, e retirou-se para a Corte em 13 de setembro de 1889, gravemente enfermo.

Sua demissão do Comando-Chefe, e sua atitude de não aceitar o Comando das Armas, não tinham por causa essencial a enfermidade que padecia, — embora esta fosse real e grave, segundo os depoimentos dos que o conheceram na época. Deodoro, de fato, estava envolvido na Questão Militar que opunha grande parte dos oficiais ao Gabinete Potegi. Sua posição não era extremada, como a de outros militares, alguns cripto-republicanos, que reagiam às medidas do Ministério por meio de artigos às vezes incendiários. Mas Deodoro era solidário com seus companheiros, despertando reações como sua denúncia, por prevaricação, ao Supremo Tribunal do Império (foi julgado e absolvido por unanimidade em maio de 1887).

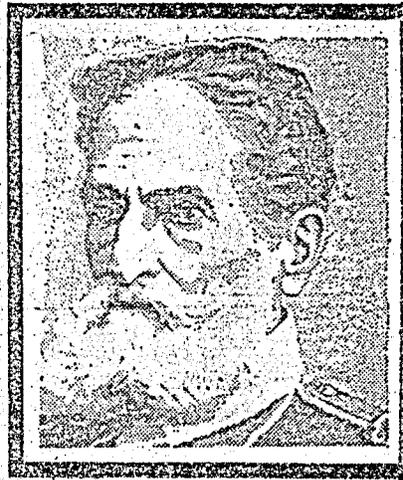
Na atuação de Deodoro, ao longo do gradual desenvolvimento dessa questão militar que foi um dos aspectos da dissolução do regime escravocrata e da forma política, a monarquia, que correspondia a ele, deve-se destacar o documento que dirigiu à Regente Princesa Isabel, como Presidente do Clube Militar: nele, Deodoro dizia que os soldados brasileiros não

Chefe do Governo Provisório, Deodoro liderou a fase em que as transformações fundamentais da República foram feitas: separação da Igreja do Estado, instituição do casamento civil, convocação da Constituinte que viria criar, em 1891, a República dos Estados Unidos do Brasil.

Seu governo, porém, colhido na contradição inerente à própria constituição das forças republicanas nunca foi tranqüilo. Em divergência com o Congresso, no quadro de greves como a dos operários da Estrada de Ferro da Central do Brasil, agredido por revoltas como a rebelião liderada pelo Contra-Almirante Custódio José de Melo, Deodoro renunciou a

O GLOBO
Sexta-feira, 5/8/77

41



Marechal Deodoro da Fonseca, herói de guerra, proclamador da República

eram capitães do mato, e solicitava que o Exército fosse dispensado da perseguição dos escravos fugidos.

A chegada de Deodoro ao Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1889, coincidiu com o início da articulação do movimento militar e antimonárquico que culminaria em 15 de novembro. Nessas articulações o papel de militares como Chefe da Esquadra Eduardo Wandenkolk, do Capitão-de-Mar-e-Guerra Frederico de Lorena, do Major Solon Ribeiro, e sobretudo do Tenente-Coronel Benjamin Constant, foi certamente maior do que o de Deodoro. E mesmo, senão na organização do movimento, na determinação da direção que lhe seria dada, o de civis como Rui Barbosa, Cesário Alvin, Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo e Francisco Glícério.

Mas foi Deodoro o escolhido para apresentar-se à frente das tropas no Campo de Santana, na manhã de 15 de novembro. Segundo muitos historiadores só no último momento o Tenente-Coronel Benjamin Constant, positivista Republicano, conseguiu convencê-lo de que era contrário aos interesses nacionais desencadear uma revolta militar com objetivo limitado de derrubar o Ministério Ouro Preto. Já que é preciso violar a ordem, teria argumentado Benjamin Constant, faça-se ao menos uma transformação necessária, a substituição da Monarquia pela República.

As nove horas da manhã, Deodoro gritou "Viva a República", no Campo de Santana, proclamação que foi imediatamente secundada pelas tropas, junto às quais tinha imenso prestígio, e pelos alunos da Escola Militar e os oficiais "intelectuais" da arma de Engenharia, liderados por Benjamin Constant.

23 de novembro de 1891, em favor do seu substituto legal Marechal Floriano Peixoto.

Em 11 de janeiro do ano seguinte, foi reformado do Exército, a pedido. Cada vez mais doente, veio a morrer com 65 anos completos, meses depois da sua reforma. Deixou determinado que não lhe prestassem honras fúnebres especiais, e pediu que não lhe vestissem a farda para o enterro. Dessa forma, um dos militares mais eminentes da História do Brasil — não um humanista como Osório, não um intelectual como Benjamin Constant, mas um soldado na plena acepção do termo — foi enterrado de terno e gravata, o sem menção da República que proclamara na manhã de 15 de novembro.



MARECHAL DEODORO (MANUEL DEODORO DA FONSEGA)

Começa na rua Dr. Ricardo e termina na rua Lusitana. Liga a zona da ESTAÇÃO AO CENTRO. A denominação foi dada em 26 de agosto de 1895, por proposta dos vereadores: José Paulino Nogueira, João Batista de Barros Aranha, Dr. Antônio Alves Lobo, Antônio Carlos do Amaral Lapa e Ricardo Coelho (dados compilados pelo Vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL"). Tem duas larguras: 7,70 e 8 metros. Chamou-se, antes, rua do Imperador e do Picador.

DADOS BIOGRÁFICOS: — Manuel Deodoro da Fonseca nasceu na vila algoana de Anadia, aos 5 de agosto de 1827 e faleceu na Capital Federal aos 23 de agosto de 1892. Em março de 1843 teve matrícula na Escola Militar, iniciando a profissão das armas em que tanto se distinguiu. Concluído o seu curso em 1847, foi, no ano se-

guinte mandado à Província de Pernambuco, onde tomou parte na revolução do Recife até 1849. Em 1853, no posto de capitão, foi nomeado comandante da Escola Militar, partindo, no ano imediato, para o Estado de Mato Grosso, onde permaneceu por 3 anos. Pelejou na campanha do Uruguai, em 1864 e, como major, teve papel saliente entre os mais bravos da Guerra do Paraguai, entrando em todas as batalhas, sempre revelando o seu grande valor militar. Em 1868, foi promovido a coronel, sendo, ainda, condecorado com as mais notáveis insígnias do Império. No combate de Ipororó foi ferido por três vezes. Em 1874 foi promovido a brigadeiro e em 1884 a marechal de campo. Nesta graduação foi escolhido para Proclamar a República, a 15 de Novembro de 1889, tendo sido promovido ao posto de generalíssimo. Chefiou o Governo Provisório, ao lado de Floriano e outros.



Há 73 Anos Morria o Soldado Que Conduziu o País à República

Comemora-se, hoje, em todo o País, mais um aniversário da morte do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, proclamador da República. Nascido em Alagoas, Deodoro foi o terceiro filho do Tenente-Coronel Manuel Mendes da Fonseca e irmão dos Marechais Hermes, Ernesto e Severiano, do General-Médico João Severiano, do Major Eduardo Emiliano, do Capitão Hipólito, do Alferes Afonso Aurélio e do Senador Pedro Paulino, este último o único que não seguiu a carreira militar.

Conduzido à primeira Presidência da República, o Marechal Deodoro dirigiu os destinos do Brasil até 23 de novembro de 1891, quando renunciou, requerendo sua reforma e recolhendo-se à vida privada. Morreu nove meses depois.

O Soldado

Pouco difundida foi a ação militar executada pelo Marechal Deodoro da Fonseca — preferindo-se, sempre, destacar sua notória presença política pela implantação da República a enumerar os acontecimentos nos quais tomou parte, antes do 15 de Novembro de 1889. Ingressando na Escola Militar em 1843, pertenceu à geração que se seguiu à de Osório e Caxias. Por ocasião da Revolução Praieira, em 1848, integrou o contingente destacado para Pernambuco, e já então era tenente. Capitão, rumou para o Uruguai, participando das ocorrências que antecederam à Guerra do Paraguai, na qual tomou parte, como costumava dizer, de fio a pavio.

Em 1870, Deodoro foi promovido a Coronel, retornando do Paraguai como indiscutível herói. Em 1874, passava a Brigadeiro, e, em 1884, a Marechal-de-Campo. Mortos Osório e Caxias, Deodoro dividia com o Visconde de Pelotas a liderança da chamada Questão Militar, que atingiu um de seus pontos críticos quando, no comando das armas no Rio Grande do Sul, sustentou a legitimidade da posição do Coronel Sena Madureira, que havia criticado, em artigo publicado na imprensa republicana, a administração de um Ex-Ministro da Guerra.

Afastado

Em junho de 1887, foi fundado o Clube Militar, do qual Deodoro da Fonseca seria fundador e presidente, tornando-se, meses depois, o porta-voz que iria à Princesa Regente D. Isabel com o requerimento em que se lia que a classe militar se recusava de proceder à captura dos escravos fugidos. Após a abolição, entendeu o Governo Imperial de afastar Deodoro da Corte, mandando-o para um comando em Mato Grosso, em dezembro de 1888. Por ter sido nomeado um militar de patente inferior à sua, o Coronel Cunha Matos, para a presidência da província, Deodoro, insatisfeito, entregou o comando das armas, regressando ao Rio de Janeiro em setembro de 1889, quando encontrou já bastante adiantado o processo revolucionário que determinaria a queda da Monarquia, com a aliança cada vez maior entre os oficiais descontentes e os republicanos.

Presidente

O período em que o Marechal Deodoro da Fonseca exerceu a Presidência pode ser dividido em duas fases distintas e de igual importância: a primeira, com um Ministério constituído por republicanos históricos, que levou a cabo a reforma institucional, com base na federação, incluindo nela a grande naturalização e a separação entre a Igreja e o Estado; a segunda, com um Ministério que teve no Barão de Lucena, egresso do antigo Partido Conservador, uma espécie de Primeiro-Ministro, mas que se mostrou impotente para conter a crise entre o Poder Legislativo e o Executivo.

Renúncia

Sentindo-se duplamente atingido em sua honra pessoal e na autoridade de Chefe da Nação pela Lei de Responsabilidade do Presidente da República, então em curso no Senado, Deodoro acabou por dissolver o Congresso a 3 de novembro de 1891. Mas a reação não demorou, havendo, inclusive, um ultimato da Marinha, com a primeira revolta da Esquadra, sob o comando de Custódio de Melo. Deodoro, então, preferiu renunciar, convencido de que, só assim, poderia evitar uma guerra civil. E deixou o Governo a 23 de novembro de 1891, vindo a falecer nove meses depois.

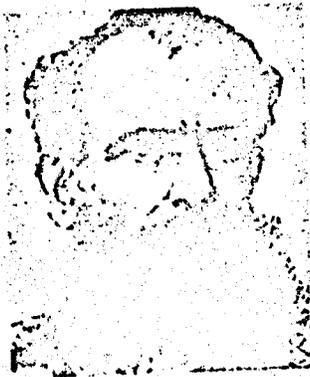
RUA MARECHAL DEODORO

Designada em 26-agosto-1885

1895

FONSECA, DEODORO,
MARECHAL

□ Manuel Deodoro da Fonseca nasceu em Alagoas, a 5 de agosto de 1827, e morreu no Rio de Janeiro, a 23 de agosto de 1892. Militar, proclamador da República do Brasil e o primeiro presidente no governo provisório e posteriormente no constitucional.



Curso a Escola Militar do Rio de Janeiro, a partir de 1843 e em 1848 alcançou o posto de tenente. Transferido para Pernambuco (1849) teve atuação destacada ao sufocar a rebelião denominada Revolução Praieira. Assumiu as funções de ajudante do 1º Batalhão de Engenheiros formado no dia 1 de abril de 1855. Capitão (1864) do 1º Batalhão de Artilharia, Deodoro participou das campanhas do Uruguai (invasão do Rio Grande do Sul pelos "blancos"), entrando vitorioso em Montevi-

déu a 20 de fevereiro de 1865. Em seguida partiu para a província de Entre-Rios e passou a lutar na Guerra do Paraguai, quando foi ligeiramente ferido na Batalha de Itororó. Promovido sucessivamente a major, tenente-coronel e coronel, deixou o Paraguai a 14 de julho de 1870 quando restabelecida a ordem. Brigadeiro em 1874 e marechal-de-campo (1884), tomou posse no cargo de comandante das Armas do Rio Grande do Sul, em 1885.

Apoiando seus companheiros de farda, num atrito entre eles e o Parlamento, Deodoro, ativamente, recusou um título honorífico e uma ajuda de custo. Por essa atitude foi exonerado das funções que exercia. Seu prestígio cresceu dentro do Exército, preocupando os políticos. Daí sua nomeação para comandante das Armas de Mato Grosso para afastá-lo, sobretudo, do Rio de Janeiro. A essa altura os movimentos republicanos ganhavam corpo e Deodoro, constantemente assediado por Benjamin, Quintino e outros, acabou aderindo ao movimento no dia 10 de novembro de 1889. Proclamada a República, Deodoro assumiu a chefia do governo provisório. Promulgada a primeira Constituição da República, a 24 de fevereiro de 1891, já no dia seguinte o Congresso Constituinte elegeu Deodoro presidente da República, cujo mandato deveria terminar em 1894. Aborrecido com a atuação dos parlamentares e entendendo que vinham interferindo nos problemas afetos ao chefe da Nação, Deodoro dissolveu o Congresso no dia 3 de novembro de 1891. Vinte dias depois eclodiu no Rio de Janeiro a revolta da Armada, sob o comando do contra-almirante Custódio de Melo. Antevendo uma guerra civil

de proporções alarmantes, Deodoro renunciou ao mandato e entregou o governo ao vice-presidente, Marechal Floriano Peixoto. Acabou morrendo alguns meses depois.

anpv/08/83

(Extraído de fls. 178 do fascículo nº 20 do "Dicionário Biográfico Universal Três", 2º volume, da Três Livros e Fascículos Ltda., São Paulo, Brasil, 1ª edição, agosto de 1983)



RUA MARECHAL DEODORO

Fatos Históricos

Edmo Goulart

Há nomes de ruas com tanta história que se fôr contar suas origens, precisaríamos de muito tempo para escrever todos os seus detalhes interessantes.

É o caso da "Rua Marechal Deodoro", cujo passado vamos evocar aqui, no melhor dos resumos possíveis.

No seu começo ela se chamou "Rua do Picador", nome que foi dado em razão de ter existido nela (nas imediações do Mercado atual) o picadeiro do paulista Salvador de Cerqueira, que era hábil em adestrar cavalos.

Esse picadeiro foi tão procurado pelos cavaleiros de antanho que propiciou à rua receber a denominação do seu lugar.

Conta-se que determinada personalidade, ilustre por todos os seus títulos, quando naquela época mandava ferrar sua montaria predileta, fazia questão que nelas fôssem colocadas ferraduras que êle mesmo fornecia, feitas de prata.

E ordenava que ficassem mal pregadas, para perdê-las em qualquer lugar por onde passasse, a fim de que quem as achasse soubesse que por ali passara.

Será verdade? Assim reza a tradição. Quem o poderá saber?

Verdade ou lenda, o fato aficou como lemos em algures.

Por proposta do vereador, Comendador Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, então Presidente do Legislativo daquele tempo a pinturesca denominação de "Rua do Picador", na sessão de 4 de outubro de 1848, foi mudada para a de "Rua do Imperador", nome que pertencera a outra via pública, a "Rua da Ponte", hoje de "Santa Cruz", em lembrança à visita feita pelo Imperador D. Pedro II a Campinas e que aqui marcou época e deixou as mais gratas recordações, acontecimentos que já tivemos a oportunidade de historiar.

O cultor de nossas tradições históricas, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt quando vereador

(cargo que exercera durante meio século mais ou menos como titular, ora suplente e espectador participante) lutou diversas vezes na edilidade campineira, pela restituição do nome primitivo, porém, não conseguira obter êxito.

Isto talvez porque morasse nessa rua, no prédio que tem hoje o n.º 1117.

Mas o destino dessa rua era receber ainda outro nome.

Os caprichos da própria natureza, nas suas muitas reviravoltas, incumbiram-se de providenciar a nova modificação.

Quando da queda da monarquia, sendo a Câmara composta em sua quase totalidade de republicanos ferrenhos, houve por bêem, através de seus ilustres membros trocar o nome antigo de "Imperador" pelo do proclamador da República — "Marechal Deodoro".

E, se assim acharam, melhor providenciaram, com grande presteza.

Coisas da vida e da política... Sic transit glória mundi...

Os vereadores, que assinaram a proposição, foram os seguintes: José Paulino Nogueira, Dr. Antônio Alvares Lôbo, Antônio Carlos do Amaral Lapa, João Batista de Barros Aranha e Ricardo Coelho.

E o dr. Ricardo Gumbleton Daunt não teve oportunidade de ver aquela via pública com outro nome, pois faleceram em 7 de junho de 1893, dois anos antes de sua apresentação que se deu no dia 26 de agosto de 1895.

Do seu casarão antigo, que hoje ainda ostenta, digno de referência, além da velha mansão do dr. Ricardo G. Daunt, é o solar nobre do Barão de Itapura, atualmente ocupado pelas Faculdades Campineiras.

Excêntrico como era não deixou retrato algum de sua pessoa.

Eis aí em sucinto alguns fatos históricos de uma rua de nossa cidade com um pouco mais de um século.